

RESENHA

Braz, Marcelo (org.). *Carlos Nelson Coutinho e a renovação do marxismo no Brasil*. São Paulo: Expressão Popular, 2012, 432 p.

Cristina Simões Bezerra*

A Editora Expressão Popular publicou, em outubro de 2012, o livro *Carlos Nelson Coutinho e a renovação do marxismo no Brasil*, sob a responsabilidade de organização de Marcelo Braz, reunindo dezesseis autores em torno da tarefa de apresentar, comentar e analisar a obra de Carlos Nelson Coutinho e sua importância no contexto do difícil desenvolvimento das ideias marxistas no Brasil. Tarefa cumprida com maestria, o livro representa muito mais que uma justa e bela homenagem a Carlos Nelson, recentemente falecido, e, como disse Francisco de Oliveira, “é uma lástima que o livro somente venha à luz depois de sua morte”.

O livro se divide em cinco momentos, os quais, em seu conjunto, representam a possibilidade de se conhecer parte significativa do pensamento social brasileiro na contemporaneidade e de se analisar questões polêmicas de nosso tempo, problematizadas desde os anos de 1960.

A primeira parte reúne testemunhos de Leandro Konder, Michael Löwy, Aloísio Teixeira e Milton Temer, companheiros de Carlos Nelson Coutinho em mais de quatro décadas, nas trincheiras do que Gramsci denominaria de “grande política”. Escritos em momentos históricos diferentes, os testemunhos, além de evidenciarem traços pessoais de Carlos Nelson, dentre eles suas extremas seriedade e generosidade, primam pelo reconhecimento da grandiosidade da atuação política, da reflexão teórica

de sua obra e de sua capacidade de incorporar as questões significativas da vida cultural e política brasileira desde suas primeiras produções. Os quatro autores destacam como Carlos Nelson foi capaz de, atento as questões de seu tempo, problematizar a realidade brasileira pelas categorias marxistas, buscando as particularidades de nossa formação social, mas não deixando de relacioná-las com o contexto do desenvolvimento capitalista mais amplo. Assim, Carlos Nelson consegue, com extremo vigor intelectual e militante, problematizar as potencialidades, mas, principalmente, os limites de nosso Estado, sociedade civil, democracia, disputas políticas e lutas pela hegemonia. Pelas palavras carinhosas e sinceras de seus companheiros de vida, temos clareza de que Carlos Nelson Coutinho foi um intelectual que nunca temeu se comprometer com o que julgava coerente e isso faz dele um nome necessário para se compreender a formação social brasileira e suas particularidades.

A segunda seção, intitulada “As ideias marxistas”, foi organizada por meio de cinco artigos cujo fio condutor é a certeza de que estamos diante da obra de um “marxista convicto e confesso”, como Carlos Nelson insistia em se autodenominar. Temos acesso, então, não só a uma importante análise do conjunto da produção deste autor, que já constitui o que poderíamos denominar de uma “obra”, mas também a formulações que demonstram a grandeza deste

pensamento no processo de incorporação das ideias marxistas no pensamento social brasileiro ao longo dos últimos cinquenta anos. É unânime, entre os autores, a convicção de que devemos a Carlos Nelson a adoção, em terras brasileiras, do pensamento dos dois grandes nomes da tradição marxista no século XX: György Lukács e Antonio Gramsci. Não apenas por meio das traduções realizadas, mas principalmente pela interpretação destas elaborações e pela incorporação destas análises às questões teóricas e políticas de toda uma geração, nosso autor renova, significativamente, o marxismo no Brasil no momento de ruptura com a ortodoxia da tradição soviética sob o legado stalinista. Além disso, os artigos constroem também, no pensamento coutiniano, sua significação para o diálogo com o pensamento social universal, demonstrando como este autor brasileiro consegue dialogar com um complexo arsenal de categorias marxistas elaboradas durante todo o século XX. Assim, fica evidente, nesta seção, a capacidade de Carlos Nelson de, fiel ao método de Marx, atualizar, renovar e complexificar as elaborações do próprio marxismo, contribuindo para que hoje possamos analisar e criticar as relações capitalistas de produção em outros termos e, a partir disso, melhor nos prepararmos para os embates que se colocam nesta sociedade.

Todo este reconhecimento da importância das contribuições de Coutinho se amplia e se dinamiza com os ensaios presentes da seção seguinte, composta também de cinco artigos que pretendem demonstrar a capacidade deste autor para se apropriar deste conjunto complexo de categorias marxistas como forma de analisar a realidade brasileira. Os trabalhos demonstram que, com suas elaborações sobre a realidade brasileira, Coutinho se une aos mais significativos nomes de nosso pensamento social na elaboração do que ele mesmo denominava de uma “imagem marxista do Brasil” e passa a contribuir fundamentalmente para aquilo que se denomina como uma “batalha de ideias” neste pensamento, marcadamente hegemônico pela perspectiva conservadora. Como um

“intérprete do Brasil”, Carlos Nelson contribui para reconhecermos, numa perspectiva nacional-popular, as diferentes manifestações de nossa vida social, desde a economia e os traços de capitalismo dependente que nos marcam, até a cultura e nosso histórico distanciamento entre intelectuais e povo, passando pelo elemento fundamental da política, onde se desafiou a problematizar a configuração de nossa sociedade civil, do Estado, nossas lutas políticas e projetos societários em disputa.

Os artigos reafirmam enfaticamente como a história de nossa formação social ficou mais rica e mais desvelada a partir das contribuições deste autor e demonstram que sua produção passa a ser parada obrigatória para aqueles que têm por inquietação pensar o Brasil contemporâneo, sobretudo no contexto neoliberal, no qual os embates entre as categorias de revolução passiva e contrarreforma se fazem destacar. É importante destacar o quanto tal debate sobre a democracia, enquanto categoria indissociável do socialismo, deve às elaborações de Carlos Nelson suas principais referências, realçando o já clássico *A democracia como valor universal* como um divisor de águas no pensamento social brasileiro sobre esta temática. Em síntese, os autores responsáveis por esta seção nos dão elementos para termos a certeza de que, para as gerações presentes e futuras, o pensamento social brasileiro terá mais um grande nome a ser lembrado e estudado entre os que fizeram história não só por suas posições teóricas, mas também políticas e militantes.

A quarta parte do livro aborda a influência das elaborações de Carlos Nelson Coutinho na produção teórica e profissional da Educação e do Serviço Social. Em dois artigos fica clara a importância destas elaborações para se pensar, primeiramente, os processos contra-hegemônicos que precisam ser gestados no interior da área da educação, para fazer dela uma dimensão da luta de classes e dos enfrentamentos que se constroem em uma perspectiva para além do capital. Assim, evidencia-se que Coutinho contribui para se entender e enfrentar as formulações políticas tão conservadoras na educação e

como este elemento carece de enfrentamentos nos tempos contemporâneos, onde a educação se configura como um processo de adestramento para as necessidades prementes do capital. Coutinho demonstra, ainda, como esta necessidade de uma educação que não questiona as relações de poder na realidade brasileira sempre foi conveniente aos setores dominantes e como se evitou, a partir deste processo, a centralidade do elemento popular na construção de nossa formação social.

O segundo artigo, na mesma direção, destaca a importância do pensamento de Carlos Nelson, sobretudo no que se refere à democracia e à cidadania, para os profissionais de Serviço social, que se valeram e se valem até os dias de hoje deste debate para compreender as diferentes manifestações da questão social no contexto do capitalismo contemporâneo e para viabilizar novas perspectivas técnico-operativas na realidade brasileira. O artigo explicita como tais elaborações se tornaram referências para o Serviço Social em um novo momento no qual, buscando romper com o conservadorismo originário da profissão, os assistentes sociais se aproximam da perspectiva marxista e encontram, no referencial gramsciano incorporado por Coutinho, as possibilidades de um marxismo renovado, que propõe uma relação dialética entre as diferentes dimensões da vida social nas quais o assistente social atua. Assim, foi pelas palavras de Coutinho que nos enriquecemos, enquanto profissão, com os debates sobre o Estado e a sociedade civil na realidade brasileira, compreendendo a relação do Serviço Social no conjunto destas relações sociais. É inegável que suas formulações contribuíram significativamente para que, entendendo a sociedade brasileira, o Serviço Social pudesse pensar sua atuação ética, política e metodológica com o rigor necessário aos desafios do século XXI.

Além da riqueza de todos estes vários artigos, que representam, sem dúvida, muito mais que uma merecida homenagem, o livro nos brinda ainda com mais dois momentos especiais. Primeiramente, a entrevista “Conversa com um marxista convicto e confesso”, realizada em

1999 para o livro *Conversas com filósofos brasileiros*. Nela, o próprio Carlos Nelson faz um balanço de sua vida intelectual e política, destacando sua definição pelo referencial marxista ainda em sua juventude, suas opções político-partidárias no Brasil e suas críticas e propostas para a vida política no Brasil contemporâneo. Definindo-se como um “animal em mutação”, Carlos Nelson revela, nesta entrevista, toda sua resistência aos dogmatismos tão presentes em algumas correntes da tradição marxista e defende, claramente, que é preciso estar atento ao “movimento constante do real” para que a teoria se afirme como capacidade interpretativa e propositiva na realidade em que vivemos. Além desta entrevista, o livro nos presenteia com uma seção de fotos de Carlos Nelson ao longo de sua vida, registrando seus afetos, suas amizades e suas opções políticas.

Como pudemos perceber, o livro em questão é uma rica referência não só para aqueles que, conhecendo Carlos Nelson, podem encontrar ali registros de seu pensamento e de suas principais elaborações, mas também para as gerações vindouras, desafiadas permanentemente à compreensão da sociedade em que vivemos e à sua transformação. A riqueza da obra de Carlos Nelson se faz agora herança e referência para aqueles que, aprendendo com Antonio Gramsci, defendem que “a vida é sempre revolucionária”.

Cristina Simões Bezerra

* Professora adjunta da Faculdade de Serviço Social da Universidade Federal de Juiz de Fora. Doutora em Serviço Social pela Escola de Serviço Social da UFRJ.